

CAPÍTULO I

I

“– *Você entende que ela tem de ser assassinada, não entende?*”

A pergunta pairou no silêncio noturno por um instante e se desvaneceu na escuridão rumo ao Mar Morto.

Hercule Poirot fez uma pausa com a mão no trinco da janela e depois, de testa franzida, decidiu fechá-la, para impedir que o ar traiçoeiro da noite entrasse no quarto. Acostumara-se a acreditar que o ar exterior deveria ser mantido do lado de fora, e a brisa daquela noite era especialmente nociva à saúde.

Fechou cuidadosamente as cortinas e andou até a cama, sorrindo para si mesmo.

“– *Você entende que ela tem de ser assassinada, não entende?*”

Palavras curiosas para um detetive como Hercule Poirot ouvir por acaso em sua primeira noite em Jerusalém.

– Não tem jeito. Aonde quer que eu vá, tem sempre alguma coisa para me lembrar de crimes! – murmurou.

Continuou sorrindo ao recordar uma história que ouvira certa vez sobre o romancista Anthony Trollope. Trollope cruzava o Atlântico na época e ouviu, por acaso, dois passageiros comentando o último episódio de um de seus romances.

“– Muito bom”, declarou um deles. “– Mas o autor deveria matar aquela velha chata.”

Com um largo sorriso no rosto, o romancista aborda-os:

“– Cavalheiros, agradeço-lhes imensamente! Vou matá-la agora mesmo.”

Hercule Poirot perguntou-se o que teria ocasionado as palavras que acabara de ouvir. Seria um trecho de uma peça? De um livro?

Pensou, ainda sorrindo: “Essas palavras podem ter algum dia um significado mais sinistro”.

A voz revelava um nervosismo curioso, lembrava agora – um tremor que denunciava alguma tensão emocional intensa. Voz de homem – ou de menino...

Hercule Poirot disse a si mesmo ao apagar a luz, já deitado na cama: “*Reconheceria essa voz, se voltasse a ouvi-la...*”.

II

Debruçados sobre o peitoril da janela, bem juntos um do outro, Raymond e Carol Boynton contemplavam a imensidão azul da noite. Num tom nervoso, Raymond repetiu o que acabara de dizer:

– Você entende que ela tem de ser assassinada, não entende?

Carol Boynton, levemente perturbada, comentou, com a voz grave e rouca:

– É horrível...

– Não mais horrível do que *isto!*

– Imagino que não...

Raymond desabafou, num ímpeto:

– Não dá para continuar assim... não dá... *Precisamos* fazer alguma coisa... E não *podemos* fazer nada...

Carol propôs, sem firmeza (e ela sabia disso):

– E se déssemos um jeito de fugir...?

– Não dá – a voz dele denotava vazios e falta de esperança.

– Carol, você sabe que não podemos...

A garota estremeceu.

– Eu sei, Ray, eu sei.

Raymond soltou um risinho amargo.

– As pessoas diriam que somos loucos, de não conseguirmos simplesmente escapar...

Carol exclamou, lentamente:

– Talvez sejamos loucos mesmo!

– Sim. Talvez sejamos loucos. De qualquer forma, logo ficaremos... Algumas pessoas diriam que já somos, se nos ouvíssemos aqui, calmamente, planejando a sangue frio o assassinato da nossa própria mãe!

Carol corrigiu-o:

– Ela não é nossa mãe!

– É verdade.

Depois de uma pausa, Raymond perguntou, num tom agora bastante prosaico:

– Você concorda, Carol?

Carol respondeu com firmeza:

– Acho que ela deve morrer... sim...

E de repente explodiu:

– Ela é louca... Tenho certeza de que é louca... Não nos torturaria como faz se fosse normal. Há anos que repetimos “Isso não pode continuar assim” e continua! Vivemos dizendo “Ela morrerá algum dia”... mas ela não morre! Acho que não morrerá nunca, a não ser...

Raymond completou a frase:

– *A não ser que a matem...*

– Isso.

Carol agarrou-se ao parapeito.

Seu irmão adotou um tom trivial de frieza, com certa inquietação na voz, devido ao entusiasmo dissimulado.

– Você compreende que tem de ser um de nós, não compreende? Quanto a Lennox, existe Nadine a considerar. E não poderíamos envolver Jinny nisso.

Carol tremeu.

– Coitadinha da Jinny... Estou com tanto medo...

– Eu sei. Está piorando, não? Por isso alguma coisa tem que ser feita o mais rápido possível... antes que ela enlouqueça de vez.

Carol levantou-se de repente, puxando para trás o cabelo castanho que caía na testa.

– Ray – disse –, você não acha *errado* mesmo, não é?

Ray respondeu naquele mesmo tom aparentemente imparcial.

– Não. A meu ver, é como matar um cão raivoso... algo que prejudica o mundo e precisa ser eliminado. É a única forma de acabar com isso.

Carol ponderou baixinho:

– Mas eles nos mandariam para a cadeira elétrica de qualquer jeito... Ou seja, não poderíamos explicar como ela é... Pareceria uma história fantástica... De certo modo, está tudo na nossa *imaginação*!

Raymond tranquilizou-a:

– Ninguém jamais saberá. Tenho um plano. Já pensei em tudo. Ficaremos seguros.

Carol virou-se para o irmão, de súbito:

– Ray, de uma forma ou de outra, você está diferente. Alguma coisa *aconteceu* com você... Quem colocou tudo isso na sua cabeça?

– Por que alguma coisa teria acontecido comigo?

Olhou para a frente, com o olhar perdido na escuridão.

– Por que aconteceu... Ray, foi aquela moça do trem?

– Não, claro que não... Por que haveria de ser? Carol, não fale besteira. Vamos voltar ao... ao...

– Seu plano? Tem certeza de que é um bom plano?

– Acho que sim... Precisamos esperar pela oportunidade certa, claro. Aí, se tudo sair conforme o esperado, ficaremos livres... todos nós.

– Livres? – Carol soltou um suspiro, olhando para as estrelas. De repente, explodiu numa crise de choro.

– O que foi, Carol?

Entre lágrimas, ela disse:

– É tão lindo... a noite, o céu azul, as estrelas... Quem dera pudéssemos fazer parte disso tudo... Quem dera pudéssemos ser outras pessoas... e não esses seres desvirtuados e *perdidos*.

– Mas seremos... ficaremos bem... quando ela estiver morta!

– Tem *certeza*? Não é tarde demais? Não seremos sempre desvirtuados?

– Não, de jeito nenhum.

– Será?

– Carol, se você preferir não...

Ela recusou seu abraço de consolo.

– Não, estou do seu lado... para o que der e vier! Por causa dos outros... principalmente Jinny. Precisamos salvá-la!

Raymond parou por um momento.

– Então... continuamos?

– Sim!

– Ótimo. Vou lhe contar meu plano.

Inclinou-se em direção à irmã.